

Assigna-se no Escriptorio da TYPOGRAPHIA União, á Galeria, n.º 12, e no Escriptorio da Redacção, Campo de Sanct'Anna, n.º 31.

A ASSIGNATURA será paga sempre ADIANTADA. As correspondencias particulares serão pagas a 30 réis por linha. Os annuncios a razão de 25 réis por cada uma.

SEM ESTAMPILHA.

PREÇO	{	Por anno . . . . .	2\$000
		Semestre . . . . .	1\$100
		Trimestre . . . . .	600

As correspondencias de interesse particular deverão ser reconhecidas; e não se receberão senão francas de porte.

# O INDEPENDENTE

— Periódico Político, Literário, Religioso —

Publica-se todas as 2.ª e 5.ª feiras não sanctificadas.

LOGO QUE HAJA NUMERO SUFFICIENTE DE ASSIGNATURAS,  
PUBLICAR-SE-HA 3 VEZES POR SEMANA.  
FOLHA AVULSA . . . . . 30 RÉIS.

COM ESTAMPILHA.

PREÇO	{	Por anno . . . . .	2\$500
		Semestre . . . . .	1\$360
		Trimestre . . . . .	730

Os snrs. assignantes que assignarem por um anno, receberão gratis uma novella escolhida.

E os snrs. assignantes que assignarem de 6 mezes para cima, gosarão em todos os annuncios do beneficio de 5 réis por linha.

Os manuscritos enviados á Redacção, sejam ou não publicados não serão restituídos.

## BRAGA, 24 DE OUTUBRO.

De todas as eventualidades, que podem originar-se do movimento dos cometas pelo nosso systema, a menos improvavel, e talvez aquella cujas consequencias são mais difficeis de prever, é a passagem da terra pela cauda d'um daquelles corpos.

Os cometas são muitissimo numerosos; mas poucos delles tem cauda. Este apenso, quando existe, é de limitada extensão, mas em alguns exemplos, como já apontamos, o seu comprimento é prodigioso, extendendo-se sobre um espaço de uma trigentessima parte do extremo diametro do systema solar. Se um cometa desta ordem tivesse a cabeça no sol, e a cauda se estendesse no plano da ecliptica, occuparia um espaço, por onde os planetas Mercurio, Venus, Terra, e Marte se movem, e nosso planeta poderia encontrar alguns, ou todos esses planetas.

Não póde, pois, negar-se, que não seja um acontecimento possivel a immersão da terra na cauda de um cometa. Que é, porém, extremamente improvavel, póde tambem mostrar-se pelas mesmas considerações que fizemos, em relação á probabilidade de um choque de um cometa com a terra, combinadas com a consideração do mui pequeno numero de cometas, que tem caudas de tamanho consideravel.

Mas, no caso de se dar semelhante acontecimento, quaes seriam as suas consequencias provaveis?

E' certo que a materia que fórma a cauda dos cometas, é de uma natureza tal, que ainda que ella tenha muitas vezes a espessura de muitos milhares de milhas, ainda assim, são visiveis pelos mais

pequenos telescopios as estrellas a travez della, sem apreciavel diminuição da sua claridade.

A materia da cauda sendo, por tanto tam completamente transparente, e não produzindo além disso, nenhuma refração perceptivel, a sua densidade, ou vaporosa ou aeriforme, deve de ser extremamente inconsideravel, e segundo todas as probabilidades, muitos milhares de vezes menor, que a densidade da nossa propria atmosphaera.

Se tal é a sua natureza, quando a terra passasse por ella, misturar-se-ia com a atmosphaera terrestre; e se a sua densidade fosse, por exemplo, mil vezes menos densa, do que o ar, a atmosphaera conteria uma particula de materia cometica em cada mil de ar puro.

Supponhamos, pois, que uma casa que habitamos continha 10,000 pés cubicos de ar, e que nelle se misturam 10 pés cubicos de algum gaz nocivo. Neste caso, respirariamos uma particula d'esse gaz venenoso, junctamente com mil particulas de ar puro. Neste caso não haveria, portanto, muito a receiar da impureza de semelhante atmosphaera.

Temos, não obstante, exemplos numerosos do effeito forte, produzido em nossos orgãos, por certos effluvios, de que o ar ás vezes está impregnado, e que, comtudo, são em tam pequena proporção, que inteiramente escapam ás mais exactas e minuciosas analyses. Um grão de almiscar, ou uma só gotta de oleo de rosas, será sensivel ao orgão do olfacto em uma sala grande, e continuará a ser sensivel por longo espaço de tempo. E comtudo, a proporção em que estes effluvios estão para a quantidade d'ar impregnado, é absolutamente inapreciavel.

Querem alguns medicos, que os efflu-

vios que se inspiram, quando se cheiram alguns medicamentos, sejam capazes de produzir nos doentes o effeito de purgantes; e é sabido que o effeito dos emeticos é muitas vezes produzido por certos cheiros.

Taes analogias, por tanto, mostram, que o estado extremo da attenuação, que provavelmente caracteriza a cauda dos cometas, não exclue necessariamente a possibilidade della produzir effeitos notaveis sobre os seres organizados, se por acaso se misturasse com a athmosphaera.

Esta supposição tem sido, em conformidade com isto, adoptada por alguns auctores, e entre elles por alguns de boa auctoridade na sciencia, como meio de explicar o apparecimento de molestias epidemicas em varias epochas.

Gregorio em uma obra publicada em Oxford em 1702, affirma, que entre os povos de todas as idades, o apparecimento dos cometas tem sido sempre seguido de taes effeitos; e accrescenta que não é proprio de philosophos o tratar estas tradicções com leveza, nem registral-as sem consideração.

Ainda em 1829 Foster, medico inglez, publicou uma obra intitulada «Illustrações da origem atmospherica das doenças epidemicas», em que pretendeu provar, que desde a era Christan, os periodos que mais insalubres tem sido, são invariavelmente aquelles, em que se tem visto algum cometa. Pretende elle, que a influencia malefica destes corpos se não limita sómente á raça humana, nem mesmo ao mundo organico, mas que se estende aos animaes inferiores, e a todas as mudanças violentas, incidentes á atmosphaera, além dos terremotos, erupções volcanicas, diluvios, grandes seccas, e esterilidades.

## FOLHETIM.

TELEGRAPHIA SUBMARINA.  
(Conclusão do n.º 49)

A 20 de Novembro de 1856, uma carta do primeiro lord da thesouraria participava a m. Field que o governo inglez estava disposto a adiantar-lhe os fundos, e a fornecer-lhe dois ou tres navios, com a condição da companhia lhe pagar depois por meio da transmissão dos despachos officiaes.

Descançado emquanto a este importante ponto, m. Field, acompanhado por m. Brett, um dos promotores do cabo submarino entre a França e a Inglaterra, dirigiu-se a

Liverpool e a Manchester, para passar as acções. O commercio acolheu-o com confiança, e elle alcançou um resultado, que não esperava.

Todos subscreveram mais pela honra de se associarem a uma empreza tam nobre, do que por interesse. Muitos homens celebres já tinham dado o exemplo. M. Tacksay e lord Byron, entre outros, se achavam á frente dos subscriptores.

M. W. Field não devia ser tam feliz na America; em todos os tempos os grandes homens são mais mal servidos no seu paiz do que nos estrangeiros.

O congresso sómente depois de uma discussão muito violenta é que votou os fundos sollicitados pela companhia; e principal-

mente no senado houve grande opposição: o projecto só foi approved com a maioria de um voto.

M. Field dirigiu-se depois ao commercio para passar as suas acções; nos Estados Unidos só lhe ficaram com vinte e sete. Evidentemente o projecto não inspirava confiança, e foi necessaria a influencia pessoal dos directores para obterem este pequeno resultado.

A primeira tentativa foi feita no mez de Agosto de 1857.

Não tractaremos das peripecias deste ensayo infructuoso, mas que fez dar á companhia um passo importante, por isso que a experiencia, que delle tiraram, devia no futuro ser aproveitada com vantagem.

Os cometas apparecem, termo medio, dous cada anno. Ora, segundo os partidistas da sua influencia, elles exercitam os seus effeitos, algum tempo antes do seu apparecimento, e por algum tempo depois antes de desaparecerem. Não é, portanto, de admirar, que os que favorecem esta theoria, encontrem sempre um cometa, que carregue com as culpas de todas as epidemias diversas que apparecem, e de todos os males physicos ou physiologicos a que a humanidade e a terra estão sujeitos.

Comtudo, frequentes como são os mais ardentos defensores, não podem, por mais tractos que dêem a imaginação, achar epidemia ou desgraça physica ou physiologica que se lhes possa attribuir; e por outro lado, é difficilimo achar algum cometa, cujo apparecimento explique alguns dos flagellos, que tem visitado a humanidade.

(Continúa)

Popular.

## CARTA AO PARLAMENTO E Á IMPRENSA.

(Continuação do n.º 48)

A propria Biblia não consagrou a Judith? E' o mesmo caso. Historia ou legenda, livros santos ou profanos, antigos ou modernos, é do *consensus omnium*, que toda a arma é licita contra uma aggressão injusta. O utr'ora a mulher tinha o direito de morte contra uma invasão privada em sua casa, e comtudo tinha a policia pública por si. Onde está a policia europeá contra a invasão da Italia? Queira Palmerston a evacuação de Roma, obtenha-a do seu alliado, e então, inuteis são as leis, como inutil é a prisão e a guilhotina; atacaõ quem os ataca, combatem quem os combate, mataõ quem os mata.

Entre elles e Bonaparte não ha verdadeiramente nem regicidio, nem attentado, nem mesmo direito revolucionario; mas sim direito commum, direito das gentes. Defendem-se. Bonaparte não é imperador dos Italianos; esse Bonaparte nem é mesmo rei de Roma. Os Romanos não são seus subditos, não o elegêrão, não lhe derão, de boa ou de má vontade, cinco milhões de votos; não lhe votarão o direito de mata-los physica e moralmente. Elle é seu inimigo, está com elles em guerra aberta, elle que os privou de um governo sahido, muito mais que o seu, do suffragio universal. Foi elle que á força lhes restituiu Pio IX. excluido temporalmente como Carlos X e Jacques II. E' elle que lhes impoz o papa, cardeaes jesuitas, inquisidores, todos esses flagellos da Italia e da humanidade, toda essa peste negra de que a Inglaterra se livrou como se livrou dos lobos. Ainda mais; foi elle mesmo o primeiro a dar a lição do punhal, do ataque por surpresa, por traição, e

sem provocação, sem declaração de guerra, com palavras de paz e promessas de socorro, desembarcando como amigo, apparecendo como alliado, e ferindo como Judas; violando lá tambem a constituição e os decretos que o impedião de fazer a guerra sem o voto da assembléa, e contra a liberdade de Roma. A constituição, de feito continha tambem estes arts. 5.º e 54: « O presidente não pôde emprehender guerra alguma sem o consentimento da assembléa. A republica nunca emprega as suas forças contra a liberdade de nenhum povo. »

A assembléa tinha decretado em Maio de 1848 a liberdade da Italia; em Maio de 1849 o regresso da expedição, e o socorro em vez da guerra. Foi finalmente elle que sem fé, nem lei, pelo unico direito do mais traidor e do mais forte, os occupou militarmente com os seus batalhões e suas baterias. Dez mil espingardas e cem canhões não valerão 4 bombas? Foi elle e sempre elle que presidio e preside ás execuções que não cessão de ensanguentar Roma; foi elle e só elle o chefe e autor da invasão e da occupação, do despotismo civil e religioso, o dictador intruso, o inimigo principal e mortal, o inimigo armado e acampado no seio da patria.

Dirá alguém que o cidadão não tem direito e dever de salvar o seu paiz? de ferir o inimigo onde o encontrar? E comtudo os patriotas italianos não o atacárão, quando aqui veio como para insultar com a sua presença todas as proscriptões. Elles respeitárão o paiz neutro e livre; não quizerão manchar com tal sangue o solo hospitaleiro. Attentárão contra Bonaparte na sua patria, no seu terreno, de sobre-avizo no seu campo entre e a despeito dos seus soldados e da sua policia, como para melhor lhe provar a vaidade e fragilidade da tyrania, para lhe provar essa verdade mathematica, essa palavra do Evangelho, dita pelo proprio cordeiro da resignação: « Quem vive pelo

Os Italianos não são pois assassinos, são combatentes; retribuirão dente por dente, bomba por bomba. São prisioneiros de guerra que os selvagens degollão. Estão vencidos, mas não serão punidos. O inimigo pôde mata-los, mas não pôde julga-los. O veneno todo de Caix-d'Est-Ange não pôde estigmatiza-los. Podem morrer, mas não cahir. O suplicio para elles, a infamia para outros. Morrem pelo seu paiz. Quanto a nós desgraçadamente nada temos a pretender na sua obra; não temos a honra de ter participado na sua empreza. Mas o gallo cantaria tres vezes, se uma voz franceza os não saudasse perante o pretorio...

Amigos, desconhecidos, mas não inglorios, salve! Vós sereis vingados! Se os nossos meios não são os mesmos, a mesma é a nossa causa. Nós esperamos que o vosso exemplo não será perdido para nós, na esphera da nossa aptidão e das nossas forças. Cada um tem as suas. Se nós não temos a virtude da conspiração, temos algumas vezes a da insurreição, que não é, de resto, senão a conspiração collectiva. Confiamos, pois, se vossas cabeças delicadas

O Agamemnon voltava da Criméa; baptisado pelo fogo da artilheria russa, este navio era destinado a servir de laço de paz entre os dois mundos.

O Niagara, o maior navio da marinha de guerra americana, devia compartilhar com elle da honra desta obra pacifica.

Voltando á America depois do primeiro revez, m. Field foi chamado a Inglaterra em Janeiro de 1858.

Era preciso para vigiar, dirigir em todos os seus promotores, os preparativos para a segunda tentativa.

Trabalhos, vigalias, fadigas, cuidados de toda a especie, tal devia ser a sua vida pelo espaço de seis mezes.

A segunda tentativa não devia ser mais

bem succedida do que a primeira, e foi até mais desanimadora. Uma noticia interessante dada por m. Field sobre esta segunda expedição, é que a rainha Victoria tinha mostrado a intenção de ir receber nas suas mãos reaes a ponta do cabo em Valentia-Bay.

Um despacho telegraphico devia fazel-a sair immediatamente de Windsor para este fim.

« Não seria um ponto admiravel, diz m. Field, ver esta illustre rainha, a mulher mais valente do mundo, a soberana de tantos povos, a filha dos reis nossos antepassados, receber pessoalmente da mão do marinheiro, este laço destinado a estreitar mais a união dos dois ramos da raça anglo-celtica? »

Mas a confiança da rainha extingui-se com o revez do mez de Julho.

cahirem, que o povo de Fevereiro e de Julho se despertará enfim ao ruido dessa queda; que elle herdará vosso valor e as vossas armas para batalhas; que conspirará todo inteiro, e commetterá ainda um immenso attentado; mas dessa vez, pela mão da justiça, não tocando no impuro, não fazendo mal a pessoa alguma, e deixando ao ultimo carrasco uma ultima tarefa digna delle.

E agora, agradecemos á maioria por ter sustentado o direito de asylo, agradecemos-lhe a sua nobre votação! Agradecemos-lhe e felicitamo-la sobretudo por lord Palmerston e pelo seu grande alliado! porquanto, se a desgraça quizer que esse grande alliado se salve no dia da vindicta, não terá lord Palmerston pelo menos o pezar de entregalo á republica com esta boa razão: *Patere legem quam ipse fecisti.*

A Commissão Revolucionaria. — Felix Pyat. — Besson. — A. Talandier.

Londres, 24 de Fevereiro de 1853.

(Jornal do Commercio do Rio de Janeiro).

A questão que actualmente se agita entre o governo portuguez e o francez, por causa do apresamento do navio francez « Carlos e Jorge », prende a attenção publica, que ansiosa espera a solução deste negocio.

O navio « Carlos e Jorge » foi apresado pelas auctoridades portuguezas na bahia da Conducia, defronte de Moçambique, estando fundeado a pouca distancia da ilha Quitangonha, tendo a bordo cento e tantos negros. Dizem que alguns dos negros que foram encontrados a bordo do « Carlos e Jorge », pertenciam a proprietarios portuguezes, e que todos elles declararam terem sido vendidos contra sua vontade;

Que o capitão do navio não poderá provar a legalidade do engajamento dos escravos a que elle chama colonos ou trabalhadores livres, e que elle chama colonos ou trabalhadores livres, e que elle chama colonos ou trabalhadores livres, e que elle chama colonos ou trabalhadores livres;

Dizem que o apresamento fôra feito pelas auctoridades portuguezas com toda a legalidade, e que estas nada mais fizeram que cumprir com o que mandam os tractados em vigor, a respeito do trafico de escravos nas nossas colonias. E' isto pouco mais ou menos o que a este respeito dizem alguns jornaes, referindo-se a cartas recebidas de Moçambique.

Sendo assim, não ha a menor duvida de que toda a justiça, n'este desagradavel negocio, está da parte de Portugal, mas não o entende assim o governo francez, que exige a entrega do navio dentro de um curto prazo de tempo, e uma indemnisação que depois se calculará.

A questão parece estar bastante complicada, e deixaram-a chegar a um ponto d'onde não será facil o sair-se sem algum desaire para Portugal.

Alguns jornaes estrangeiros recebidos ultimamente são de opinião que a pendencia a que deu logar o apresamento do « Carlos e Jorge » se resolverá breve e amigavel-

Até uma parte dos chefes da companhia tinha perdido toda a esperanza. De dezeseis directores activos, só nove assistiram ao meeting onde foi resolvida a terceira tentativa; seis, desanimados, nem sequer se tinham dado ao trabalho de comparecerem, e o septimo, que desempenhava as funções de vice presidente, vendo que, contra a sua opinião, os seus collegas pareciam inclinados para um novo ensaio, saiu descontente da casa, sem esperar pela votação.

Quarenta e cinco dias depois deste meeting, os inglezes podiam annunciar pelo telegrapho aos seus irmãos da America, que a China abria as suas portas ao commercio e ao christianismo. (Nação)

mente. Bem desejamos que assim acontecesse, sendo de uma maneira honrosa para Portugal, porém os factos parecem mostrar o contrario.

O governo francez regeiteu a mediação de uma terceira potencia proposta pelo governo portuguez, e caminha para diante, exigindo a entrega do navio, e sem se importar com a decisão dos tribunaes a que estava affecto o negocio.

Deus queira que nos enganemos, porém não vemos á testa do governo portuguez gente com o tino politico, sufficiente para conduzir a questão a uma solução final de uma maneira honrosa para Portugal e conforme fôr de justiça.

(O Direito.)

A imprensa ministerial tem dito ao paiz quanto a discripção que a natureza do assumpto, consente que se diga agora sobre a questão *Charles-George*.

O procedimento do govêrno tem sido nobre e regular. Não é difficil conhecer qual tem sido, para que todos se convençam da sua cordura, e da nossa, quando opinamos que elle deve ser poupado a censuras prematuras.

Quando o publico possa vir no conhecimento dos termos da negociação, ha de fazer justiça inteira, e louvar quem tanto tem feito para merecer uma e outro.

O nosso direito tem sido allegado conveniente e opportunamente. Vel-o-hão a seu tempo. A razão ha de ser escutada; a justiça ha de pronunciar-se imparcial; e as relações internacionaes não de continuar sem perturbação, nem desdouro.

Se Portugal tem razão, os seus governantes não a deixam perder. — Suspeitar o contrario, e assoalhar-o, é fazer um des-serviço, que n'estas circumstancias não tem remissão possivel.

Desejam que o govêrno saia com dignidade da questão, mas complicam-lhe a marcha. E' como se dissessem ao que manistaeem, que tinha a liberdade de soltar-se, o servir-se dos membros superiores.

A *Revolução* é entendida de mais em negocios de estado para que não reconheça a inconveniencia de continuar a escrever, como o tem feito duas ou tres vezes sobre a questão sugeita, e não dê n'ella tréguas á contenda politica, para escutar a voz do patriotismo que lhe não deve ter emmudecido n'alma. Sabe que não chegou a occasião de responder a perguntas, nem de produzir justificações. A tudo se dará opportunamente satisfação. O resultado ha-de por certo contentar a todos.

(Opinião.)

*Assignaturas bracarenses a favor das irmans da charidade francezas, e dos padres lazaristas, seus directores.*

(Continuação do n.º 48.)

Alexandre Pacheco de Sousa Guimarães, negociante, idem, S. João do Souto.  
José Domingues Alvares Veiga, sacerdote, idem, idem.  
Domingos José da Silva Braga, livreiro, idem idem.  
Antonio Joaquim da Silva, presbytero, Braga.  
João de Jesus da Silva Leite, picheleiro, idem.  
D. Bernarda Thereza da Silva, idem.  
João de Oliveira, corrieiro, idem.  
Antonio José Alves, idem, idem.  
Custodio Maria Alves, negociante, idem.  
Antonia Maria, idem, idem.  
Domingos José d'Oliveira e Silva, corrieiro e seleiro, idem.  
Antonio José de Sousa, corrieiro, idem.  
Antonio Anacleto de Araujo, botequim, idem.  
Padre João Luiz Peixoto, idem.  
Eduarda Emilia Candida, idem.  
D. Maria José, idem.  
D. Thereza de Jesus, idem.

Antonio José Antunes Dias, proprietario, idem.  
Padre Bento José Alvares de Moura, idem.  
José Joaquim da Silva, presbytero, idem.  
Miguel José Pinheiro, tintureiro, idem.  
Joaquim de Sousa Guimarães, negociante, idem.  
Manoel José da Silva Cerqueira, presbytero, idem.  
Padre Vicente José da Silva, idem.  
José Maria da Silva Cerqueira, presbytero, idem.  
Acacio José Gomes, servo dos Terceiros, idem.  
Alexandre Antonio d'Azevedo, alfaiate, idem.  
José Joaquim Ferreira, servo de Nossa Senhora da Boa Memoria, idem.  
Francisco Ventura, alfaiate, idem.  
João Baptista Pereira, proprietario, idem.  
José Luiz de Freitas, latoeiro, idem.  
José Antonio do Nascimento, entalhador, idem.  
Sebastião José d'Azevedo, latoeiro, idem.  
João Baptista Coelho, marceneiro, idem.  
José Antonio da Silva, idem.  
Antonio José Novaes e Sousa, negociante, idem,  
Padre João Manoel Martins, idem.  
João Baptista Marques Dias, negociante, idem.  
Domingos José Vieira Machado, idem, idem.  
Padre José Fernandes d'Araujo, capellão do Salvador, idem.  
Antonio José Pinto, caixeiro de Domingos José Vieira Machado, idem. (Continúa)

AO FALLECIMENTO DA EX.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. ANNA DE MELLO, DA CIDADE DE GUIMARÃES.

E eis-a que alli vai sem vida,  
Que inda era ha pouco viçosa  
Como a flor!

J. de Lemos.

Cobre o crepe funerario,  
Da virgem o mauzoléo,  
E juncto delle chorando  
Outra virgem roga ao ceo;

Chora, chora casta virgem,  
O anjo que Deus levou,  
Na terra ficam saudades  
A'quelles quem amou.

No yerdor da mocidade,  
Linda rosa inda em botão,  
Tu voaste alma innocente  
Para o reino de Sião.

O meu Deus! que nos privas-te,  
De mais um anjo d'amor,  
Dai-nos forças, muitas forças  
P'ra soffrer-mos tanta dôr.

Escuta, meu Anjo, escuta,  
Do triste bardo a canção,  
Que submetto ao Christo envia  
Com fervôr uma oração.

Braga 24 de Outubro de 1858.

(A Pedido)

R. S.

CARAPUÇAS.

Para muitos é mysterio  
De certa gente o viver:  
Pois não, é fallando serio,  
Custoso de perceber  
Como pôde um empregado,  
Que apenas tem de ordenado  
Cem mil reis, ou pouco mais,  
Ter creados, e dar bailes,  
Dar aos filhos mantas-chailles,  
Com tam poucos cabedaeas?

Nada, nada: sem dinheiro  
Não se pôde assim luxar:  
Com certeza o tal brejeiro  
Ha-de alguém calotear.  
Pois aquelles que tem casas,  
E de milho muitas rasas,  
Lsses mesmos vivem mal;  
Como pôde um empregado,  
Com tam pequeno ordenado,  
Viver com luxo real?

Ai do pobre sapateiro!  
Ai de ti ó mercadôr!  
Ai do pobre do tendeiro!  
Ai do triste alquilador!  
Todos heis-de ser burlados.  
Embora griteis coitados,  
Ai de nós — aqui d'el-rei!  
Para essa gente sem ordem,  
Que vive sempre em desordem,  
Não ha justiça, nem lei.

Quando vejo pelas ruas  
Um fedelho a namorar,  
Com as faces todas nuas,  
Sem um pêllo a despontar;  
Tenho d'elle muita pena,  
Porque sei que a tal pequena,  
Por quem morre de paixão  
Não lhe tributa coitado!  
Do seu amor nem bocado,  
Nem lhe consagra affeição.

Tenho pena do janota  
De calcinhas de funil,  
Que de noite na batota,  
Sem jogar nem um ceutil ...  
Bem suspira a cada instante  
Que o banqueiro se levante,  
Com tenção de lhe pedir,  
P'ra charutos um pataco:  
Mas elle sem dar cavaco,  
Do parvo se fica a rir.

Quando vejo uma criada  
Pelas praças a gingar,  
De perna muito lavada,  
Com seu braço a dar a dar;  
Fico logo cá fazendo  
Um juizo tam horrendo,  
Como o faço d'outras mais;  
E digo para comigo  
— Deixa 'star que eu já te sigo ...  
— Não me illudes ... és das taes!

Militar ajanotado,  
Recendendo ao patchouli,  
Nunca d'elle bom soldado ...  
Foi coisa que nunca vi.  
Mercador que joga a bisea,  
E que nos livros rabisea,  
Por não ter em que cuidar,  
Melhor fôra que deixasse  
O seu negocio, e tractasse  
De macacos pentear.

Quando vejo um sacerdote  
A' moda sempre trajar,  
Usando só do capote,  
Quando tem de celebrar:  
Lembra-me logo o Faustino,  
Successor do Tolentino,  
Quando diz nos versos seus:  
— Quem um tal estado abraça,  
Não deve, nem por chalaça,  
Uzar de trages sandeus.

Quando vejo um estudante  
Noite e dia no bilhar:  
Alem disso ter amante  
E jogar a bom jogar:  
Digo logo — que portento!  
Que megestoso ornamento  
Da sancta egreja não é?  
Deus te faça um arcebispo,  
Ou pelo menos um bispo  
Accrescentando-lhe um tẽ.

(Continúa)

A. M. da Fonseca.

CORRESPONDENCIA.

Snr. Redactor.

VENDO no *Independente* uma local, em que annunciando-se a minha exoneração de delegado do procurador regio da comarca de Villa-Verde, se attribue a arguições, que, a serem verdadeiras, já ha muito, que o governo me devia ter exonorado; e que tenho grangeado a inimidade do clero, nobreza, e povo das comarcas onde tenho servido, é do meu dever responder áquella local n'estes termos:

Ignoro, e não sei as arguições, que me foram feitas, porque não fui ouvido, nem pude apresentar defeza: já requeri a instauração de conhecimento nas comarcas onde tenho servido, e com especialidade onde se dizem commettidos os factos, que fundamentaram a minha exoneração: e acredite V. que a minha innocencia ha-de apparecer, e já a teria feito apparecer, se ouvido.

Creio que V. está mal-informado, quanto ás inimidades e odios.

E' verdade que mais amigos teria, se fizesse favores a trôco da justiça, e não fôra escravo da lei.

Vae em cinco annos, que segui a vida do ministerio publico, logar odioso, que grangeia mais inimigos que amigos, e nenhuma queixa, ou representação havia entrado contra mim na secretaria da justiça, até Agosto findo.

As camaras e auctoridades das comarcas onde tenho servido, (quando já alli não era delegado), deram-me attestados honrosos, que mostram que os povos, longe de me odiarem, antes me estimavam.

Em Fafe, primeira comarca onde servi, pretendendo e solicitando uma permuta para Valença, os povos sem distincção de classes, representaram e pediram em termos bem honrosos e lisongeiros a minha conservação.

Nunca pela imprensa fui censurado, no meu proceder de delegado, servindo na comarca de Valença, onde havia um jornal da localidade, e em Villa-Verde, visinha de Braga, onde ha dois jornaes politicos; mas antes algumas vezes a imprensa me elogiou, e louvou os meus actos. Na secretaria da justiça estão as melhores informações dos meus superiores; e V. deve notar, que nenhuma informação se pediu pelo ministerio da justiça, a meu respeito, para ser exonerado.

Se V. viesse a esta comarca, ou se se informasse com os seus proprietarios, e homiẽs de bem, estou que mudaria de opinião a meu respeito, e havia de vir no conhecimento, de que minha exoneração, foi uma trama, uma intriga, urdida para deixar o logar para outrem.

E perguntarei eu a V.: quando os inimigos acham um governo disposto a escutar-lhes, e attender-lhes as arguições, e a fazer obra por ellas sem ouvir o arguido, sem lhe pedir defeza, qual o funcionario publico, que se póde dizer seguro?

Deixo a resposta a V.

De certo que V. se não negará a transcrever no seu jornal esta minha carta.

D. V.

Att.º Vr. e Cr.º

Villa-verde, 17 de Outubro de 1858.

José Guilherme da Costa Lira.

Na local a que o sr. Lira allude, está dada a resposta á pergunta de S. S.

O *Independente* não affirma a exacção das arguições feitas ao sr. Lira: tomou-as como factos condicionaes, como bases hypotheticas.

Se ellas são falsas, S. S. é exonerado por capricho, por mero arbitrio do ministro respectivo; o contrario ao contrario.

#### TELEGRAPHIA ELECTRICA.

Lisboa, 23 de Outubro.

(A's 8 horas e 58 minutos da manhã.)

Do correspondente do *Commercio do Porto*, ao mesmo jornal:

Confirma-se a noticia que demos, de que o conselho d'estado resolvêra que se entregasse o navio «Charles».

Agora discute-se no conselho de ministros, e no d'estado, o modo de effectuar a entrega, de sorte que fique intacta a dignidade e honra nacional. Até segunda feira estará tudo definitivamente decidido.

(*Commercio do Porto*)

Lisboa, 21 de Outubro.

(Do nosso correspondente.)

Está aberta a estrada da deshonra! Está «humilhada» a bandeira nacional! O governo de Lisboa é uma delegação do governo das Tulherias. Já aqui não ha, nem independencia, nem liberdade. A acção dos nossos tribunales está sob a pressão de um governo estrangeiro. O sr. marquez de Loulé, que é filho do sr. D. Agostinho Domingos José de Mendonça, que foi esbulhado de seus bens, de seus titulos, e de suas honras, e que foi condemnado á morte, «por vender a sua patria, combatendo, de mão armada, contra ella, em favor do imperio francez», ha-de consummar o resto.

Está demittido o sr. Luiz de Albuquerque. Exige-se a reforma do processo do pretendido crime da travessa da Cêra, sob pena de demissão do respectivo delegado. Exige-se a prompta entrega da barca «Carlos e Jorge», que já ha 3 dias não iça a bandeira portugueza.

Exigem-se indemnisações, sobre as quaes, e só a respeito dellas, se admitirá um arbitro!

Todas essas exigencias serão satisfeitas! (Nacional).

#### NÓTICIARIO.

— *Festividade.* — Hontem, por volta das onze horas da manhan, começou a celebrar a sua primeira missa o sr. P.º Fortunato, famulo de S. E., o sr. Arcebispo Primaz. Orou o muito conhecido prégador regio, o sr. Fr. Miguel Justino.

— *Fallecimento.* — No dia 23 á tardinha foi riscada mais uma existencia do numero dos vivos.

A ex.ª sr.ª D. Maria José Placido, cunhada sr. Antonio Bernardo Ferreira, do Porto, falleceu na rua de S. Marcos, para onde ha poucos dias tinha vindo da dicta cidade a ares.

A morte d'esta excellente senhora foi sentida cordialmente pelos visinhos da rua.

A ex.ª sr.ª D. Anna Placido, e seu extremo marido, receberam verdadeiros pezames, da vizinhança de tam estimavel familia.

A illustre finada foi conduzida esta manhan para o Porto, para onde havia partido já sua ex.ª mana, com o seu marido, consternados com o profundo golpe que acabavam de soffrer.

— *Partida.* — O sr. Augusto Soromenho, que se achava n'esta cidade, em commissão da nossa academia, para copiar as lapidas antigas, partiu esta noite para o Porto.

O illustre commissionado espera voltar dentro de poucos dias, para ulimar a sua missão, na cidade e nas suas immediações.

O sr. Augusto Soromenho ha sido incansavel nos seus trabalhos lapidarios n'esta cidade.

— *Chegada.* — O illustrado redactor da *Thesoura de Guimarães*, o sr. José Ignacio d'Abreu Vieira, tem estado n'esta cidade, na hospedaria da Fonte da Cárcova.

S. S. foi visitado e cumprimentado pelos amigos.

— *Nomeação honrosa.* — Consta que fôra nomeado Secretario de Sua Emineucia, o sr. Cardeal Patriarcha, o sr. Padre Roquete. Muito folgaremos se se verificar esta honrosa nomeação.

— *Continúa mal.* — Sua Sanctidade, Pio IX, continúa gravemente enfermo.

Em Madrid correu o boato de que tinha morrido; felizmente, porem, não se realisou semelhante boato.

— *Bons dias, senhor.* — Este cumprimento que um papagaio bem educado dirigiu a um caçador, no momento em que este se preparava para lhe disparar um tiro, obrigou-o a desistir do seu proposito, respondendo ao papagaio:

Queira desculpar, cavalheiro, pois julguei que era um passaro.

— *Boato.* — Consta, que se espera no Tejo uma formidavel esquadra ingleza.

#### PUBLICAÇÃO.

BIBLIA SAGRADA

E A

EDIÇÃO SUPPLEMENTAR.

CHEGARAM a esta cidade os cadernos n.º 21 e n.º 22, pertencentes á 3.ª serie da Biblia Sagrada, e da edição suplementar.

Os snrs. assignantes que ainda não pagaram esta terceira serie, devem mandar pagar OITO CENTOS REIS, a Paulo José da Costa, Largo da Porta do Souto n.º 16, Braga, e ao portador que trouxer o dinheiro serão entregues os referidos cadernos n.º 21, e 22.

**N.º B.** Os snr. assignantes em geral, devem mandar pagar na agencia, no praso de vinte dias, contados da data deste annuncio, oitocentos réis pela assignatura da quarta serie, do Novo Testamento, e da edição suplementar.

#### ANNUNCIOS.

126 João Antonio Gomes, viuvo, do logar de Villar, freguezia de Prado, Julgado de Villa-Verde, faz publico que, tem feito uma Procuração, no dia 9 do corrente mez, a Manuel José de Sousa, do logar do Ribeiro, freguezia de Soutello, do mesmo Julgado faz; e publico que a tal Procuração, ou outra qualquer que appareça feita ao mesmo, fica revogada e sem nenhum effeito nem vigor; e que qualquer contracto, que elle faça em seu nome, fica sem effeito, nullo, e sem vigor.

E poreste previne a todas as pessoas, que não façam contractos com o dicto Procurador, para que de futuro se não chamem á ignorancia.

Prado, 16 de Outubro de 1858.

João Antonio Gomes. (III)

#### GRANDE LOTERIA DE LISBOA

1.º premio	R.ª	..	50.000\$000
2.º	«	..	20.000\$000
3.º	«	..	10.000\$000

132 Viuva Carvalho & Irmão, do Porto, rua das Flores, n.º 219 a 222, terá á venda os Bilhetes da presente loteria desde o dia 6 de Novembro por diante. (I)

130 QUEM quizer comprar uma morada de casas sobradadas, com a largura de tres portas, e commodidades sufficientes para uma familia regular, sita na rua dos Chãos de Cima, n.º 55, com serventia para a rua de S. Barnabé, as quaes foram da Cavaca, póde dirigir-se a Domingos José Gomes negociante na dita rua dos Chãos de Cima n.º 48, que se acha auctorizado para promover a venda da mesma. (II)

Responsavel o Bacharel Moreira de Sá.

— TYPOGRAPHIA UNIÃO —

A' Galeria n.º 12.